

## A Dinâmica dos Modos de Produção: para onde nos leva a história?

*The Dynamics of Production Modes:  
where is history taking us?*

*La Dinámica de los Modos de Producción:  
¿hacia dónde nos lleva la historia?*

---

Igor Zanoni Constant Carneiro Leão\*

---

### RESUMO

Marx criou o conceito de modo de produção para apreender a dinâmica socioeconômica das formações humanas, levantando com isso o problema da caracterização de cada formação e de sua passagem ou de sua historicidade à medida que as contradições internas de cada modo de produção conduzem a outro. Em seus textos discute a transição do feudalismo ao capitalismo a partir desse ponto, bem como coloca o problema da passagem ao socialismo como época em que a humanidade deixaria para trás sua pré-história. Depois de Marx tivemos experiências socialistas em diversas partes do mundo, destacando-se as experiências soviética e chinesa. O desafio é perceber sua amplitude e seus limites, perceber como se mostra o devir histórico e quais as suas promessas.

Palavras-chave: Modo de produção. Feudalismo. Capitalismo. Socialismo. Revolução Russa. Revolução Chinesa.

### ABSTRACT

The term mode of production conceptualized by Marx to encompass the socioeconomic dynamics of human formations brought about the problem of characterizing each formation and its passage, or historicity, as internal contradictions lead to other modes of production. In his writings, Marx discusses the transition from feudalism to capitalism from such a perspective, also addressing the transition to socialism as the time when humanity will have left its prehistory behind. Following Marx, socialist experiments took place in different parts of the world, especially in the Soviet Union and China. The challenge is to perceive its breadth and limits, how historical development presents itself, and what its promises are.

Keywords: Production mode. Feudalism. Capitalism. Socialism. Russian Revolution. Chinese Revolution.

---

\* Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil. Professor titular do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [igorzaleao@yahoo.com.br](mailto:igorzaleao@yahoo.com.br)

Artigo recebido em abril/2021 e aceito para publicação em março/2022.

## RESUMEN

Marx creó el concepto de modo de producción para aprehender la dinámica socioeconómica de las formaciones humanas, planteando así el problema de caracterizar cada formación y su paso o historicidad, ya que las contradicciones internas de cada modo de producción conducen a otro. En sus textos aborda la transición del feudalismo al capitalismo a partir de ese punto, además de plantear el problema del paso al socialismo como una época en la que la humanidad dejaría atrás su prehistoria. Después de Marx tuvimos experiencias socialistas en diferentes partes del mundo, en especial las experiencias soviética y china. El desafío es percibir su amplitud y sus límites, percibir también cómo se muestra el devenir histórico y cuáles son sus promesas.

Palabras clave: Modo de producción. Feudalismo. Capitalismo. Socialismo. Revolución rusa. Revolución china.

O historiador inglês Maurice Dobb, com seu *A Evolução do Capitalismo*, publicado em 1946, abriu um debate sobre a transição do feudalismo ao capitalismo na Europa (e em especial na Inglaterra) que envolveu durante algumas décadas historiadores e economistas de várias partes do mundo. Embora esse debate não seja totalmente conclusivo, ou não esteja inteiramente concluído, podemos apanhar aqui algumas de suas linhas principais.

Para Dobb, foram as próprias contradições internas ao feudalismo que provocaram a sua ruína. A necessidade crescente de maiores rendimentos por parte da nobreza provocou uma intensificação da exploração sobre os servos a níveis insustentáveis, acentuando a luta de classes e determinando no longo prazo o colapso da economia feudal. Paul Sweezy intervém nesta discussão alegando que as contradições internas do feudalismo seriam incapazes de transformá-lo profundamente, sendo que a sua desintegração definitiva foi o resultado do ressurgimento do comércio a longa distância, capaz de romper o equilíbrio feudal. Para Dobb, o desenvolvimento do comércio contribuiu para aumentar a fome da nobreza por rendimentos mais elevados, mas o impacto do comércio está subordinado como explicação às contradições internas do modo de produção feudal.

Outros autores entram na discussão como historiadores que partem de uma perspectiva demográfica ou neomalthusiana. Talvez o autor mais importante tenha sido Robert Brenner, que suscitou o “Debate Brenner”. Para ele, as raízes do feudalismo se localizam no campo e a chave para a compreensão da passagem ao modo de produção capitalista está na superexploração do produtor direto e na luta de classes, vistas através de suas implicações na transformação das relações de produção e de propriedade. Outros autores intervieram no debate, que foi uma referência para pensar o nascimento do capitalismo em um país como o Brasil e a reconstrução do Japão no pós-guerra.<sup>1</sup>

A discussão expandiu muito o horizonte teórico da transição e nasce de um autor marxista a partir de preocupações que estão em toda a obra de Marx acerca do conceito de modo de produção, da investigação sobre sucessivos modos de produção encontrados na história e em particular acerca da natureza do capitalismo e de sua gênese. Marx trata esses pontos a partir de uma metodologia lógico-genética, isto é, não chega a fazer uma abordagem historiográfica mas recolhe na história os momentos lógicos que marcam as formas em que relações de produção e forças produtivas se articularam na vida da humanidade, destacando os momentos fundamentais da gênese do capitalismo.

Assim, Marx afirma em *Formações Econômicas Pré-capitalistas* (MARX, 1975):

---

<sup>1</sup> Toda essa discussão está bem apresentada em Mariutti (2004).

Vemos, pois, que a transformação do dinheiro em capital pressupõe um processo histórico que tenha separado as condições objetivas e o trabalho, tornando-as independentes, e as volta contra os trabalhadores. Entretanto, desde que o capital e seu processo existem, conquistam toda a produção e provocam e acentuam, por toda parte, a separação entre trabalho e propriedade e entre trabalho e as condições objetivas de trabalho. Subsequente desenvolvimento mostrará como o capital destrói o trabalho artesanal, a pequena propriedade de proprietários que trabalham, etc., e até a si mesmo, nas formas em que não se mostra em contradição com o trabalho: no pequeno capital e nos tipos intermediários ou híbridos situados entre os modos de produção antigos (ou as formas que estes assumem em função de sua renovação à base de capital) e o modo de produção clássico, adequado, do próprio capital (p.109).

Marx assim resume os passos na criação do modo de produção capitalista no capítulo sobre a acumulação primitiva do primeiro volume de *O Capital* (MARX, 2013):

O roubo dos bens da Igreja, a alienação fraudulenta dos domínios estatais, o furto da propriedade comunal, a transformação usurpatória, realizada com inescrupuloso terrorismo, da propriedade feudal e clânica em propriedade privada moderna foram outros tantos métodos idílicos da acumulação primitiva. Tais métodos conquistaram o campo para a agricultura capitalista, incorporaram o solo ao capital e criaram para a indústria urbana a oferta necessária de um proletariado inteiramente livre (p.804).

No mesmo capítulo, Marx coloca como outros tantos momentos da acumulação primitiva: “Legislação sanguinária contra os expropriados desde o final do século XV. Leis para a compressão dos salários”, e “Gênese dos arrendatários capitalistas”, “Efeito retroativo da revolução agrícola sobre a indústria. Criação do mercado interno para o capital industrial”, “Gênese do capitalista industrial”. Este processo, entretanto, segundo as leis de desenvolvimento do próprio capital, tende a ser negado e a desembocar em um modo de produção superior:

O modo de apropriação capitalista, que deriva do modo de produção capitalista, ou seja, a propriedade privada capitalista, é a primeira negação da propriedade privada individual, fundada no trabalho próprio. Todavia, a produção capitalista produz, com a mesma necessidade de um processo natural, sua própria negação. É a negação da negação. Ela não restabelece a propriedade privada, mas a propriedade individual sobre a base daquilo que foi conquistado na era capitalista, isto é, sobre a base da cooperação e da posse comum da terra e dos meios de produção produzidos pelo próprio trabalho. A transformação da propriedade privada fragmentária, baseada no trabalho próprio dos indivíduos, em propriedade capitalista, é, naturalmente, um processo incomparavelmente mais prolongado, duro e dificultoso do que a transformação da propriedade capitalista – já fundada, de fato, na organização

social da produção – em propriedade social. Lá, tratava-se da expropriação da massa do povo por poucos usurpadores; aqui, trata-se da expropriação de poucos usurpadores pela massa do povo (MARX, 2013, p.832-833).

Nessas considerações, Marx está estudando o caso da Inglaterra, que ele chama de caso clássico de formação do capitalismo porque lá se deu de forma primeira e completa a separação do trabalhador dos seus meios de produção e a conversão deste em capital. Por outro lado, todo o estudo de Marx das formações pré-capitalistas visa esclarecer tanto a gênese e as articulações internas do modo de produção capitalista como a passagem deste modo de produção para o socialismo enquanto negação necessária do capitalismo e formação superior ao abolir o despotismo do capital e liberar as forças produtivas contidas pelas contradições do capital. Por isso, Marx pensa sempre na passagem ao socialismo a partir de um capitalismo desenvolvido e maduro.

Contudo, Marx e Engels chegaram a discutir em polêmica com populistas e social-democratas russos a possibilidade de um país com um capitalismo ainda atrasado alcançar o socialismo através da comunidade camponesa, o *mir*, de existência multissecular no país. Como se sabe, a Rússia conviveu até 1861 com a servidão/escravidão sob o jugo da autocracia czarista. A libertação dos servos abriu a possibilidade de maior diferenciação social e nascimento de um capitalismo russo. Como afirma Engels,

O golpe mais duro desferido contra a propriedade comunal foi novamente a dispensa dos trabalhos forçados. Aos nobres foi destinada a maior e melhor parte do solo; para os camponeses, restou pouco, o bastante para conseguir sobreviver; às vezes nem isso. Nesse processo, as matas foram adjudicadas aos nobres; a partir de então, o camponês passa a ter de comprar madeira para a queima, para o trabalho e para a construção, que antes podia extrair livremente. Assim sendo, o camponês passou a não ter nada mais além de sua casa e de seu pedaço de terra nua, sem dispor dos meios para cultivá-la e, em geral, sem dispor de terra suficiente para sustentar sua família de uma colheita até outra. Nessas circunstâncias e sob a pressão dos impostos e da usura, a propriedade comunal da terra não constitui mais um benefício mas uma amarra. Com frequência, os camponeses se evadem dela, com ou sem a família, para buscar seu alimento como trabalhadores itinerantes, deixando sua terra para trás (MARX; ENGELS, 2013, p.52).

Este é, pois, um capítulo no leste da Europa/Ásia de acumulação primitiva. A partir daí nasce o capitalismo russo, em uma gênese própria, desenvolvendo-se no final do século XIX e início do XX com introdução de uma malha ferroviária e indústrias conexas sob o patrocínio do Estado.

Marx volta ao tema em carta a Vera Ivanovna Zaslitch de 1881:

[...] a análise apresentada n' *O Capital* não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz desta questão, para o qual busquei os materiais em suas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca (*point d'appui*) da regeneração social da Rússia; mas, para que ela possa funcionar como tal, seria necessário, primeiramente, eliminar as influências que a assaltam de todos os lados e então assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo (MARX; ENGELS, 2013, p.115).

Nesse sentido, o *mir* poderia originar um específico socialismo russo se o processo de acumulação primitiva pudesse ser entravado.

Mas a transição para o socialismo soviético ocorrerá pela inépcia do governo czarista, a má condução da Rússia na I Guerra, inclusive depois da Revolução de Fevereiro, e a atuação de um aguerrido partido de quadros sob lideranças como a de V. I. Lenin. Depois de outubro de 1917 terá lugar no socialismo com diversas fases mas que aos poucos recai sob o autoritarismo, a violência do Estado, o burocratismo e a lenta inovação tecnológica acoplada ao baixo crescimento da produtividade do trabalho. Apesar disso, a Rússia soviética se torna uma grande potência, com grandes conquistas nas áreas de saúde e educação, urbanizada e dotada de uma notável *intelligentsia*. Esse período findará com as reformas dos anos 80 e a passagem no início dos 90 para o capitalismo russo.

Embora não seja possível falar de todas as áreas além da Europa de que Marx e Engels trataram, por sua importância atual é preciso falar da China. Ambos os autores escreveram sobre o país nas páginas do *New York Tribune*, discutindo a política de saque das metrópoles capitalistas como a Inglaterra, a Alemanha, a França e mais tarde o Japão, a geopolítica, as rebeliões chinesas e a lógica de rapina internacional sobre o grande país do Oriente.

Sabe-se que até a primeira guerra do ópio nos anos 1840 a China era a região mais desenvolvida e próspera do planeta, mas desde então até a Revolução Chinesa ela viveu humilhações diplomáticas e bélicas, com episódios sangrentos de violência e mal-estar. São atores nesse drama as grandes potências imperialistas, o Partido Nacionalista Chinês e os senhores da guerra, que só serão vencidos com a derrota do Japão na II Guerra e a vitória camponesa liderada pelo Partido Comunista Chinês, com Mao Zedong, sobre o Kuomintang em 1949.

A China nascera como um grande império há mais de dois mil anos, sob um modo de produção asiático liderado pelo mandato do Céu do Imperador, nobres proprietários de terra e uma burocracia letrada de matriz confucionista, sobre uma vasta camada de camponeses. O país não apoia uma burguesia comercial nascente e a industrialização se dá mutilada pelo imperialismo na virada do século XIX para

o século XX. O país vive em sua história inúmeras rebeliões camponesas e invasões estrangeiras, culminando com a invasão manchu da dinastia Qing no século XVII, que terminará com a revolução burguesa de 1911 liderada por Sun Yat-sen. No século XX, a força dos senhores de guerra, o poderio japonês e o Kuomintang apoiado inicialmente pelos Estados Unidos e pela Rússia fazem da China uma região muito conflitada até a vitória do PCC na guerra civil que termina em 1949.

Temos aqui pois uma antiga autocracia imperial que apesar de muitos conflitos se mantém, entre várias dinastias, como uma região rica e fechada ao mundo, que será humilhada a partir do século XIX. O austero socialismo chinês perdurará desde 1949 até a época das reformas nos anos 1980, quando dará lugar ao que se conhece como “socialismo com características chinesas”, bastante aberto ao capital e aos valores do enriquecimento. A China é um caso que embora muito estudado por marxistas não cabe na ortodoxia da sucessão dos modos de produção.

Como se colocou acima, um aspecto crucial da discussão marxista sobre modos de produção consiste em que o socialismo representaria o início da história humana e o fim da sua pré-história, permitindo o livre desenvolvimento das forças produtivas e o advento de um reino de liberdade substituindo um reino de necessidade. Todavia, nem o período soviético nem a China maoista se aproximaram desses ideais. A União Soviética cedo conheceu o terror stalinista, que deu lugar logo após a um grande governo paralisante, com expectativa de vida diminuindo, crescimento econômico estagnado e falta de bens para a população. Por sua vez, a China maoista paralisou sua vida intelectual com a Revolução Cultural, quando o desemprego entre os jovens era enorme e a involução observada na União Soviética se colocava no horizonte.<sup>2</sup>

Mas o retorno ao capitalismo na Rússia foi traumático. O desmantelamento do sistema de planejamento não deu lugar a um sistema eficiente de mercado, que é uma instituição moldada no tempo a partir de elementos criados pelos agentes econômicos. A crise social se instalou e a rápida privatização tomou a forma de um grande assalto aos bens do Estado por uma camada de oligarcas. O envio de dinheiro para mercados *offshore* se tornou realidade com a corrupção, tudo isto provocado em especial pelo debilitamento do Partido Comunista da União Soviética – PCUS. O Estado se debilita e a tarefa principal que se coloca para Vladimir Putin é a sua recuperação nos planos interno e internacional.<sup>3</sup>

Por sua vez, as reformas na China após a década de 1980 originaram um sistema cuja caracterização ainda está em aberto. Ruy Fausto assim define a nova China:

<sup>2</sup> Esta discussão está em Anderson (2018).

<sup>3</sup> Cf. Pomeranz (2018, p.133).

O que é hoje a China? Uma potência emergente em pleno desenvolvimento, onde domina um capitalismo ao mesmo tempo selvagem e autocrático. Se se acrescentar que a ideologia continua sendo mais ou menos “comunista”, poder-se-ia dizer, por um lado, que a China é um monstro como objeto sociopolítico [...] Do ponto de vista da esquerda não há razões maiores nem menores para “tomar o partido da China”. Trata-se de um poder despótico, internamente, e expansionista, no plano externo (FAUSTO, 2007, p.210).

Outros autores caracterizam a China simplesmente como capitalista, como Harvey (2013), ou como um país de economia mista, como Piketty (2020). Este último caracteriza o país como uma plutocracia dado o número de bilionários chineses no PCC. O próprio regime chinês define o país como um “socialismo com características chinesas”, um primeiro passo no caminho rumo ao comunismo. Esse socialismo é chamado pelo sinólogo Elias Khalil Jabbour de “socialismo de mercado”, que pode ser visto assim:

O que existe na China é uma engenharia social nova que combina diferentes modos de produção, de diferentes épocas históricas, convivendo em uma certa “unidade de contrários”. Existe capitalismo na China, existem formas pré-capitalistas de produção que ocupam cerca de 400 milhões de camponeses. Existe o que eu chamo de “empresas não capitalistas orientadas ao mercado”, que são um *mix* de propriedade coletiva, com acionistas privados e estatais – mas sem primazia de capitalistas privados. E existe o núcleo da economia composto com uma centena de grandes conglomerados empresariais estatais, um sistema financeiro de longo prazo, capitalizado e estatal. A esse núcleo eu chamo de modo de produção socialista, o modo de produção dominante, com o poder político exercido por um bloco histórico comprometido com uma estratégia de caráter socializante, o que não exclui a existência de contradições de múltipla monta no país. Nesse “socialismo de mercado”, a capacidade do Estado de atuar na economia é quantitativamente maior e qualitativamente superior do que o verificado em um capitalismo, por exemplo (JABBOUR, 2020, p.22).

Sem dúvida, o “socialismo de mercado” chinês não tem nada do capitalismo financeirizado e especulativo, e sua capacidade expansiva talvez seja inédita na história. Neste ponto de vista, a China deu a nosso ver um passo para dentro da história, apesar de o país ainda apresentar desigualdades sociais, greves e uma ativa classe trabalhadora pouco disposta a se submeter ao despotismo do capital. A China vem eliminando a pobreza em um país gigantesco, expandindo seu mercado interno e criando um núcleo significativo de um estado de bem-estar. Tudo isso não se parece com e não é capitalismo.

Para nós, a aventura rumo ao socialismo está se concretizando na China. Sua presença no mundo influi sobre países como o Vietnã e o Laos e mesmo Cuba, e sobre todos aqueles tocados pelos grandes projetos chineses em vários continentes,

destacando-se a nova rota da seda. O desafio é manter essa experiência diante da presença americana e do seu poder e dinheiro. A China terá de defender seu presente e seu legado histórico em um mundo repleto de desafios.

Um último ponto deve ser abordado neste artigo. A complexa formação econômico-social que caracteriza o socialismo de mercado chinês é uma construção política que vem se desenvolvendo desde 1978. Ela começou com as reformas de Deng Xiaoping, que percebeu a capacidade milenar dos camponeses médios para promover a modernização do país. Há reformas na agricultura por meio das quais o Estado permite trocas mercantis que elevam a produtividade e o consumo local, impulsionando indústrias rurais cedo ligadas ao mercado tanto interno quanto externo. Surgem assim oito milhões de empresas familiares.

Também há uma abertura ao investimento estrangeiro que permite a absorção de capitais chineses ultramarinos através de Zonas Econômicas Especiais que se instalam ao longo de toda a década de 80, articulando a economia chinesa com a economia internacional. O mercado, assim, reordena as relações da China consigo mesma e com o resto do mundo.

Ao mesmo tempo, as empresas estatais passam por reformas sobretudo gerenciais desde a década de 90, perdendo espaço para as empresas privadas e rurais (*Township and Village Enterprises - TVEs*), mas aprendendo a caminhar sem subsídios e passando nos anos 90 por um profundo processo de mudanças que implicou a fusão de milhares de empresas e privatização de outras tantas. Surgem desta reforma 149 conglomerados empresariais com crescente capacidade de atuar no mercado. Essas empresas separam a gestão e a propriedade, qualificam quadros administrativos e elevam sua capacidade de atuar no mercado.

Em 2003 surge a Comissão de Supervisão e Administração de Ativos do Estado (SASAC), uma instituição que garante que as empresas atuem em concordância com os objetivos do Estado, modernizando continuamente todo o corpo empresarial estatal chinês.

Fica claro, como indica Jabbour (2020), que a construção do mercado levou o país a uma completa reorganização de sua estrutura social. O mercado se torna instrumento do governo para reforçar sua base material. Este processo começa em 1978 e culmina com a SASAC, que gestiona os ativos públicos e garante, com os grandes bancos estatais, o desempenho do setor público no organismo econômico chinês. A SASAC implementa a adoção de métodos modernos de gestão empresarial das gigantes chinesas e assegura o papel político das empresas nas estratégias de Estado, dentro e fora da China. Assim, “a ‘fabricação do mercado’ na China suscitou a emergência de uma nova, complexa e inovadora experiência econômico-social, o ‘socialismo de mercado’; A China é o exemplo de uma nova formação econômico-social.” (JABBOUR, 2020, p.79).

O que se deseja notar aqui é que, em contraposição, na União Soviética, à medida que desde 1961 até 1985 os sucessivos planos quinquenais apresentam taxas declinantes de crescimento anual da renda nacional, produção industrial e produção agrícola, também se procurou na região uma redinamização da economia com a introdução mais incisiva de elementos de mercado. A ideia era buscar uma nova afluência e um socialismo com face humana.

Chegou-se a um consenso sobre a necessidade de uma mudança no funcionamento do sistema. Como assinala Pomeranz (2018),

O planejamento diretivo centralizado, apropriado para uma economia em processo de industrialização, basicamente camponesa, tornou-se um freio para o desenvolvimento de uma economia industrial madura, mais complexa, tanto do ponto de vista do recolhimento de informações para elaboração dos planos, quanto do ponto de vista do acompanhamento da implementação de suas metas (POMERANZ, 2018, p.127).

As mudanças pretendidas envolviam tanto elementos estruturais do sistema econômico quanto análises sobre a estratégia adotada por Gorbachov para o desencadeamento da *perestroika*. Um problema aí remete a que a concomitante reforma política e reforma econômica se mostrou inadequada, pois a reforma política, isto é, a liberalização política do regime criou resistências às medidas de reforma econômica. Como assinala ainda Pomeranz (2018):

A *perestroika*, descentralizando radicalmente a administração econômica com a concessão de autonomia às empresas, por um lado desmontou o sistema de planejamento centralizado existente e quebrou sua capacidade de mobilização em moldes quase militares, sem ter criado os mecanismos de mercado que tornariam viável essa autonomia. É sabido que a criação desses mecanismos, ainda que se considere o funcionamento mercantil da economia subterrânea, constitui um processo histórico de muito mais longo prazo. E, por outro lado, lançou as bases para a transformação de parte da burocracia estatal em nova classe, interessada em estender seus privilégios à posse e à exploração da propriedade estatal (POMERANZ, 2018, p.198).

Parece-nos que, em primeiro lugar, o êxito da estratégia chinesa *vis-à-vis* a soviética prende-se a uma cultura ancestral de matriz camponesa ligada a elementos de mercado, o que permitiu mudanças mais organizadas na China. Em segundo lugar, o Partido Comunista Chinês manteve sob controle o processo de mudanças para o socialismo de mercado, ao passo que o Partido Comunista da União Soviética se dissolveu dando lugar a uma profunda crise social e política. Nesse contexto, a transição russa para uma nova forma de socialismo foi inviabilizada, deixando em aberto o futuro do país.

Gostaria neste final do artigo de comentar alguns pontos.

O primeiro ponto se refere a uma análise mais refinada do que foram as experiências socialistas da Rússia e da China, suas contradições e momentos históricos. Sem poder me alongar nesta análise, creio que o crucial é destacar que a experiência russa nasceu em um país onde o capitalismo já havia dado passos rumo a uma sociedade moderna e que contava com um amadurecido pensamento e militância social-democrática e populista que pôde articular uma resistência e uma superação do czarismo aproveitando a crise aberta pela Primeira Grande Guerra. Após a revolução e a guerra civil, a Rússia passou por curta experiência de uma sociedade onde se combinaram um início de planificação com certa liberdade para a realização de atividades mercantis, no período da NEP. O que me parece decisivo é que o subsequente isolamento do país e o estado das discussões sobre o futuro ali do socialismo conduziu a um rígido planejamento central onde a liberdade de mercado foi completamente tolhida ao mesmo tempo que o país enveredava por uma autocracia conduzida por Stalin que deu pouca chance de reforma e abertura mesmo nos limites do socialismo. O resultado foi que mesmo após a morte do ditador a Rússia engessou seu regime político e econômico, conduzindo a um socialismo real de pouco dinamismo e liberdades democráticas cerceadas quase por completo.

Esse quadro levou a que, após os novos ventos do neoliberalismo no ocidente, acompanhados pela modernização tecnológica dos anos setenta e oitenta, levaram o país a uma desastrada reforma em várias etapas que concluíram a experiência socialista e criaram um quadro de grandes bilionários que repartiram entre si a antiga propriedade pública ao mesmo tempo que a grande maioria da população se empobrecia e a estagnação econômica se instava. O grande mérito de Putin foi se opor a esses bilionários e procurar recompor o tecido social e econômico do novo capitalismo russo dando ao mesmo tempo novo protagonismo político ao país em grande medida associando-o politicamente à nova China que fazia desde finais dos anos setenta seu próprio processo de reforma e abertura.

No que se refere à China, seu rígido planejamento herdado da experiência russa e que a rigor foi dominante até a morte de Mao em 1976, deu origem após Deng a novas formas mais flexíveis de planejamento com participação da iniciativa privada e do mercado, sem que o núcleo central do sistema tenha deixado de ser as empresas públicas e um Estado dinâmico conduzido fortemente pelo Partido Comunista Chinês. A China cria assim uma formação econômico-social chamada socialismo de mercado ou socialismo com características chinesas.

Fica claro que tanto a experiência russa como a chinesa envolveram contradições e lutas políticas que ainda estão presentes, a história desses países não se paralisou, mas a China a meu ver foi mais bem sucedida na medida em que tomou a decisão, desde os incidentes da Praça Tianamen de manter o Estado como protagonista central do sistema econômico e político sem enveredar pela flexibilização

econômica que a Rússia experimentava e sem colocar um término, antes o oposto, à experiência socialista. Mesmo assim, o socialismo chinês tornou-se um socialismo específico, uma economia de projeto com características próprias na qual o modo de produção socialista é dominante ao lado de outros modos de produção que com ele se combinam.

Outra questão refere-se ao método lógico-genético presente n' *O Capital*. Como se sabe, Marx desenvolve suas categorias de análise partindo da mais elementares, como a mercadoria, e prosseguindo com categorias que se ligam a elas de modo lógico – mercadoria se desdobra em valor, o valor em capital, por exemplo, em que uma categoria está na gênese da posterior. Ele não tem propriamente um método histórico, mas a história comparece para ser explicada a partir dessas categorias, como o cenário em que o capital, por exemplo, nasce em sua gênese sangrenta a partir dos processos em que a valorização e a lei do valor tomam forma nas lutas sociais da Idade Média e da Modernidade. Assim, método e história se entrelaçam, e Marx está interessado sobretudo em falar em articulações lógicas e genéticas que podem ser compreendidas em seu contexto histórico. A história em capítulos históricos de *O Capital* é tratada como os momentos em que a gênese do mundo moderno se dá em suas articulações fundamentais a partir das categorias desenvolvidas desde o capítulo 1, *A Mercadoria*.

Com relação à experiência do desenvolvimento brasileiro, essa não foi considerada, pois creio que isso me levaria muito além das minhas pretensões no artigo. O Brasil é uma sociedade com um capitalismo tardio que sofreu nas décadas recentes um processo de regressão econômica devido a uma condução neoliberal e monetarista de sua economia, em que pese o interregno dos governos do PT. O socialismo nunca se colocou no horizonte dessa sociedade e a esquerda no país a rigor é débil. Mesmo o protagonismo que o país começou a experimentar com sua entrada no BRICS foi desacelerado. Há limitada inteligência política no País capaz de colocá-lo em uma senda mais exitosa rumo ao futuro. Mesmo o processo de industrialização brasileiro durou a rigor de 1870 a 1970, cedendo espaço a uma regressão rumo ao negócio rural, o que foi acompanhado por parco dinamismo do mercado de trabalho e empobrecimento de grande parte da população. Sair dessa situação e imaginar um futuro promissor para o país demandará uma nova imaginação política e novos atores sociais que hoje são pouco expressivos ou quando surgem têm sido controlados pelo sistema político.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. **Duas revoluções**: Rússia e China. Com textos de Wang Chao, Luiz Gonzaga Belluzzo e Rosana Pinheiro Machado. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DOBB, M. H. **A evolução do capitalismo**. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Os Economistas).
- FAUSTO, R. **A esquerda difícil**: em torno do paradigma e do destino das revoluções do século XX e alguns outros temas. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- HARVEY, D. **Para entender O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- JABBOUR, E. K. **China: socialismo e desenvolvimento** – sete décadas depois. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Maurício Grabois, 2020.
- MARIUTTI, E. B. **Balanço do debate**: a transição do feudalismo ao capitalismo. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- MARX, K. **Formações econômicas pré-capitalistas**. São Paulo: HUCITEC, 1975.
- MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, Friedrich. **Lutas de classe na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, F. **Sobre a China**. São Paulo: Edições ISKRA, 2016.
- PIKETTY, T. **Capital e ideologia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- POMERANZ, L. **Do socialismo soviético ao capitalismo russo**: a transformação sistêmica da Rússia. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.

